

**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
CURSO DE JORNALISMO**

LUIZA SILVEIRA SCAVONE

DE OLHO NA TROPICÁLIA

**SÃO PAULO
2º SEMESTRE 2021**

LUISA SILVEIRA SCAVONE

DE OLHO NA TROPICÁLIA

Relatório Final do TCC II (Trabalho de Conclusão de Curso), apresentado ao Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo, sob a orientação do Sr. Prof. Ms. Vanderlei Dias de Souza.

SÃO PAULO
2º SEMESTRE 2021

**ESTE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO NÃO REFLETE A OPINIÃO DA
UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE. SEU CONTEÚDO E
ABORDAGEM SÃO DE TOTAL RESPONSABILIDADE DE SUA AUTORA.**

Link do Produto Audiovisual:

<https://www.youtube.com/watch?v=tGZztUxvvJQ>



AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer aos meus pais pelo apoio, incentivo e ajuda durante toda minha trajetória na faculdade. À minha mãe, minha primeira professora, por toda compreensão e amor, que garantiu o melhor dos meus estudos. Ao meu pai, uma das pessoas com quem mais aprendi na vida, por se interessar por tudo relacionado a minha carreira e garantir que eu me formasse a melhor jornalista possível. Ele foi o meu principal incentivo para o tema do trabalho e quem mais me ajudou para que ficasse como o planejado.

Agradeço ao meu irmão pela ajuda, também emocional, aos meus amigos e namorado que sempre se mostraram presente e confiantes. Gostaria de agradecer também a todas as fontes do meu trabalho, que tiraram um tempo para me ajudar com tanta vontade e fizeram com que o tema ficasse ainda melhor. Sou grata também ao Vinícius Cardoso, que me ajudou a finalizar o trabalho e ter o resultado obtido.

Por fim, mas não menos importante, quero agradecer ao meu orientador de TCC e de profissão, Vanderlei Dias, que acredita em mim desde a primeira vez que nos conhecemos e sempre me fez acreditar no meu potencial. Sou grata por todos os ensinamentos durante esses anos de curso, por todo o apoio e ajuda para que pudesse me tornar a jornalista que sou hoje.

RESUMO

Este relatório embasa a realização de um documentário em vídeo sobre como se deu o movimento da Tropicália a partir do 3º Festival de MPB da Record e sua inovação comportamental durante a ditadura militar, nos anos 1960/1970. O Tropicalismo foi um movimento cultural que ocorreu nos anos de 1967 e 1968 e misturou elementos nacionais com as tendências estrangeiras. Chegou ao fim após a promulgação do Ato Institucional nº5 em 1968, quando Caetano Veloso e Gilberto Gil foram presos e, mais tarde, exilados na Europa. Por isso, o objetivo desse projeto foi evidenciar a revolução comportamental desses artistas, marcada pela ousadia e inovação na cultura brasileira durante a ditadura militar.

Palavras-chave: Tropicalismo; Movimento Cultural; Ditadura; Revolução Comportamental; Jornalismo.

ABSTRACT

This report supports the making of a video documentary about how the Tropicália movement took place after the 3rd Festival of MPB da Record and its behavioral innovation during the military dictatorship, in the 1960s/1970s. Tropicalismo was a cultural movement that took place in 1967 and 1968 and mixed national elements with foreign trends. It came to an end after the promulgation of Institutional Act No. 5 in 1968, when Caetano Veloso and Gilberto Gil were arrested and later exiled to Europe. Therefore, the objective of the project was to highlight the behavioral revolution of these artists, marked by boldness and innovation in Brazilian culture during the military dictatorship.

Keywords: Tropicalism; Cultural Movement; Dictatorship; Behavioral Revolution; Journalism.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
2.1. III Festival de MPB e o Tropicalismo.....	12
2.2. Tropicalismo na Ditadura Militar.....	13
2.3. Documentário Participativo.....	15
2.4. Jornalismo Cultural e seu Empobrecimento.....	16
3. DESENVOLVIMENTO DA PEÇA.....	17
3.1. Estilo e Linguagem.....	18
3.2. Entrevistas e Gravações.....	19
3.3. Montagem da Peça.....	20
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
5. REFERENCIAIS.....	23
5.1. Bibliográficos.....	23
5.2. Audiovisuais.....	25
6. APÊNDICES.....	26

1. INTRODUÇÃO

O Tropicalismo foi um movimento cultural baseado nas vanguardas europeias¹ que ocorreu nos anos de 1967 e 1968, período da ditadura imediatamente anterior ao que ficou marcado por repressão, violência e tortura, a partir do Ato Institucional Nº 5 (AI 5)². Caracterizado como libertário e revolucionário, o movimento sofreu com as consequências impostas pelos militares, mas trouxe uma ruptura para a cultura no Brasil. (TODA MATÉRIA, 2018).

Com a intenção de produzir uma arte brasileira inovadora, o Tropicalismo misturou os elementos nacionais, como o samba e o baião, com as tendências estrangeiras, sofrendo influência do rock, com o uso da guitarra, e do concretismo, por exemplo (TODA MATÉRIA, 2018). De um lado havia o desejo de ruptura com a tradição e, de outro, a re-invenção crítica e cultural dessa mesma tradição (JUSTUS; FABRÍCIO; ASSUMPÇÃO, 2003). No contexto em que surgiu, o movimento expressava a indignação com a ordem pregada pelo regime através de leituras críticas sobre a realidade do país.

Diferentemente da Bossa Nova³, por exemplo, o Tropicalismo não ocorreu apenas no campo musical, tendo se estendido também ao teatro e ao cinema⁴. O movimento trouxe a mistura de diferentes estéticas e culturas do nosso país com outras, incorporando características dessas culturas, sendo relacionado com o “Manifesto Antropofágico”, de Oswald de Andrade.⁵

Com destaques para Gilberto Gil e Caetano Veloso, que lideravam o movimento na área musical, os compositores participavam de festivais de MPB⁶ promovidos pela Rede Record. O início de tudo se deu no 3º Festival de Música

¹ As vanguardas europeias representam um conjunto de movimentos artístico-culturais que ocorreram em diversos locais da Europa a partir do início do século XX

² Decreto emitido pela Ditadura Militar durante o governo de Artur da Costa e Silva, marco que inaugurou o período mais sombrio da ditadura.

³ O Tropicalismo buscava se afastar um pouco do intelectualismo da Bossa Nova, que já estava em declínio, e era um movimento apenas musical (TODA MATÉRIA, 2018).

⁴ No teatro, o Tropicalismo se manifestou com a peça “O Rei da Vela”, de Oswald de Andrade, com direção de José Celso Martinez Corrêa e no cinema com “Terra em Transe”, de Glauber Rocha (CALADO, 1997).

⁵ O Manifesto Antropófago ou Antropofágico foi um manifesto literário escrito por Oswald de Andrade, publicado em maio de 1928, que tinha por objetivo repensar a dependência cultural brasileira.

⁶ Concursos de canções originais e inéditas transmitidos por algumas emissoras de televisão brasileira entre os anos de 1965 a 1985, que consolidaram artistas e a própria MPB.

Popular Brasileira, em 1967, com a apresentação de Caetano com a música “Alegria, Alegria” e de Gil, com os Mutantes, defendendo a música “Domingo no Parque”. Em fevereiro de 1968 o movimento foi batizado, com o texto “A Cruzada Tropicalista”, do jornalista Nelson Motta publicado pelo jornal Última Hora e o lançamento da música 'Tropicália', de Caetano Veloso (MARTINI, 2017).

O fim do movimento se deu após a promulgação do AI 5, época em que as perseguições políticas aumentaram e Caetano Veloso e Gilberto Gil foram presos e, mais tarde, exilados na Europa. Mas a cultura brasileira estava marcada para sempre pela modernidade e ousadia da Tropicália.

A partir disso, a Pergunta-Problema deste projeto é: “Os elementos estéticos e informativos de um documentário conseguem demonstrar o início do movimento Tropicalista e sua inovação comportamental durante a ditadura militar brasileira?”

O objetivo principal do projeto foi realizar um documentário para demonstrar – a partir da vivência da autora deste trabalho – como foi o início do movimento Tropicalista no 3º Festival de MPB da Record, se tornando uma ruptura cultural para o país durante a ditadura militar.

Quanto aos objetivos secundários se destacaram: estudar os detalhes do movimento Tropicalista e seu contexto histórico, com foco, também, nos artistas e suas influências no movimento; analisar a relação do Tropicalismo com outras expressões musicais (como a Bossa Nova) e a relação do movimento com o “Manifesto Antropofágico”; entrevistar fontes com conhecimento e que acompanharam a Tropicália; conseguir documentos com as fontes; estudar e ver documentários para entender sua produção e execução.

Em cenário de Guerra Fria, um crescente espírito de contestação surgiu por meio de diferentes modos de expressão, e ideias como progresso e desenvolvimento, relacionadas aos próprios pressupostos modernos, passam a ser fortemente questionadas. (MUNDO EDUCAÇÃO, 2020). No Brasil um dos movimentos artísticos com essa iniciativa foi a Tropicália que abraçou diferentes tipos de expressões artísticas.

Com o país sendo governado pelo marechal Artur da Costa e Silva e enfrentando uma forte repressão da ditadura, artistas e militantes precisavam driblar

essa censura, e foi nesse contexto que nasceu o artifício da alegoria, ferramenta que o próprio Tropicalismo usou para comportar suas críticas. (MUNDO EDUCAÇÃO, 2020).

É nesse ponto que podemos discutir a importância do movimento para a cultura brasileira da época e da atualidade, já que o Tropicalismo deixou estilhaços em diversos lugares da cultura e, à medida que o tempo passa, há fragmentos que ainda formam novos focos de criação (FAVARETTO, 2000). Além de seu papel como um marco na cultura e por ser uma forma de lutar pelos direitos da população, o Tropicalismo também trouxe muita bagagem para o tempo de hoje.

Mesmo após 36 anos da ditadura militar, ainda existem casos de censura no Brasil e, por isso, o trabalho jornalístico de retratar e lutar contra essa censura é fundamental, já que é uma maneira de fiscalizar o poder. Para exemplificar, o atual presidente da República, Jair Bolsonaro (sem partido) criticou a TV Globo afirmando que poderá não renovar a concessão da emissora, acusando-a de deturpar uma de suas falas sobre situação do país diante da pandemia do Novo Coronavírus (BBC, 2020). Em momentos como esse, o papel do jornalismo é mostrar, ainda mais, capacidade de lutar e descarar as atitudes autoritárias do governo.

A metodologia teórica para esse trabalho foram os livros *Tropicália: a história de uma revolução musical*, de Carlos Calado, *Geração em Transe: memórias do tempo do tropicalismo*, de Luiz Carlos Maciel e *Balanço da bossa e outras bossas*, de Augusto de Campos. Para a linguagem de um documentário, os livros *Introdução ao documentário*, de Bill Nichols, *Filmar o que não se vê: um modo de fazer documentários*, de Patricio Guzmán e *Como fazer documentários: conceito, linguagem e prática de produção*, de Luiz Carlos Lucena.

A metodologia prática consistiu em conversa com fontes que trabalham e têm conhecimento sobre o assunto. Para as imagens, foram usados os desenhos e caricaturas do artista Cássio Manga, além de documentos compartilhados pelos entrevistados e imagens gravadas pela autora.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. III Festival de MPB e o Tropicalismo

Segundo Calado (1997), o ano de 1967 foi decisivo. O 3º Festival de MPB da Record aconteceu no Teatro Paramount⁷. Gilberto Gil se apresentou com *Domingo no Parque*, ao lado dos Mutantes, e Caetano Veloso se apresentou com *Alegria, Alegria*, pela primeira vez, com os Beat Boys. “Foi a primeira vez que as guitarras elétricas entraram no palco de um festival de MPB (...) tinha o efeito de uma heresia, de um insulto contra a cultura nacional” (p.131).

O autor ainda comenta como Caetano surpreendeu aqueles que o vaiaram, antes mesmo de ouvir a música, só por causa da guitarra e saiu consagrado do palco, assim como Gilberto Gil. Além dos instrumentos, eles entraram no palco com roupas diferentes do que o público estava acostumado para os Festivais, ao invés dos convencionais smokings, e essas provocações só aumentaram a indignação dos conservadores, além dos esquerdistas, acrescenta Calado. Estes se posicionaram contra a inovação tropicalista porque queriam músicas engajadas politicamente, mas esteticamente caretas, afirma Maciel (1996). Em apenas um ano, conforme o autor, o Tropicalismo já se consolidaria como movimento com o texto de Nelson Motta "A Cruzada Tropicalista" (que nomeou o movimento) e o disco-manifesto "Tropicália ou *Panis et circensis*", que inaugurou esse movimento de assumida inovação artística e cultural.

Para Campos (1978), no Festival de 1967, inovação mesmo foram as músicas e comportamentos trazidos por Gil e Caetano, lutando contra barreiras e preconceitos do público, do júri e dos companheiros de MPB, superando, inclusive a si próprios, coisa que o próprio autor anteviu no artigo "Boa Palavra sobre a Música Popular", de 1966.

Para os xenofóbicos, o resultado do Festival, com Gil em segundo lugar e Caetano em quarto⁸

⁷ Atual Teatro Renault, foi o primeiro a exibir filmes sonoros na América Latina. Na década de 1960, o teatro foi vendido para a TV Record que passou a realizar eventos marcantes para a história da MPB.

⁸ O 1º lugar ficou com Edu Lobo e os parceiros Capinam e Marília Medalha, que interpretaram a música "Ponteio", já o 3º lugar ficou com Chico Buarque, que cantou "Roda Viva".

(...) sinalizaria a vitória da MPB genuína contra invasão das guitarras elétricas. Mas quem tivesse um pouco mais de visão poderia prever que a música popular brasileira estava prestes a enfrentar um período conturbado, carregado de inovações. (CALADO, 1997, p.147)

Campos (1978) afirma que as músicas apresentadas por Gil e Caetano tinham a proposta de deglutir, à maneira de Oswald de Andrade em “Manifesto Antropofágico”, o que havia de novo nos movimentos de massa e de juventude e incorporar as conquistas da moderna música popular ao seu próprio campo de pesquisa.

Calado (1997) afirma que os tropicalistas não procuravam criar novas formas musicais, eles utilizavam estilos e formas já existentes no repertório da MPB e estavam mais interessados em expor e implantar uma nova atitude. Antes de tudo, sua intervenção era crítica. Suas atitudes estéticas foram herdadas por quase todos os artistas que se dedicaram à MPB durante as últimas três décadas. Assim, o exemplo da Tropicália permanece (CALADO, 1997).

Maciel (1996) diz que esse foi o verdadeiro movimento de inovação porque abrangia as formas de comportamento individual. Era um novo estilo de MPB e, ao mesmo tempo, uma maneira de viver. De um lado estava uma nova postura moral e estética e, do outro, a postura “politicamente correta” e esteticamente atrasada da esquerda tradicional, acrescenta o autor.

2.2. Tropicalismo na Ditadura Militar

De acordo com Calado (1997), em 1968 o país já estava assustado com as notícias de conflitos entre estudantes e a polícia e, segundo o autor, as divergências entre o Exército, as Forças Armadas e Caetano Veloso começaram a ficar ainda maiores. Após alguns conflitos causados pela informação de que Caetano Veloso teria cantado o Hino Nacional com versos ofensivos às Forças Armadas⁹ durante um de seus shows, além do suposto uso da bandeira Nacional, que, na verdade era a de Hélio Oiticica (“Seja Marginal, seja herói”), um delegado tentou forçar Caetano a

⁹ Segundo Calado (1997), essas denúncias, na verdade, falsas, teriam sido feitas pelo apresentador Randal Juliano durante o programa “Guerra É Guerra”, da TV Record, além de repetir as acusações pelo rádio, quase como uma campanha contra os tropicalistas e provas de um suposto crime

assinar um documento para que ele não mais fizesse discursos em seus shows (CALADO, 1997).

Entretanto, o autor ainda comenta que o cantor se recusou a assinar o documento e, na mesma noite, “denunciou a tentativa de censura durante o espetáculo, enquanto cantava ‘É Proibido Proibir’” no Festival Internacional da Canção de São Paulo (p.233). Maciel (1996) diz que as vaias naquela noite (que já eram esperadas pelo Caetano) não eram apenas pelo uso da guitarra e pelas roupas do cantor, o autor afirma que a importância da música estava ligada ao contexto e aos questionamentos que eram feitos. Calado (1997) completa afirmando que esse episódio representou o início de um tempo difícil para os tropicalistas.

Maciel (1996) acrescenta dizendo que o ano de 1969 foi o início da barra realmente pesada. Os primeiros a serem presos foram Gilberto Gil e Caetano Veloso, que, mais tarde, foram exilados na Europa.

A discussão proposta pelos tropicalistas não era política no sentido estrito do termo. No sentido mais amplo (...), era totalmente política, porque questionava fundamentalmente as formas de questionamento do indivíduo na sociedade (MACIEL, 1996, p. 205)

Antes de serem exilados, os cantores tiveram dois meses de prisão arbitrária no Rio de Janeiro, outros cinco meses em prisão domiciliar em Salvador, onde tiveram a permissão para fazer um show, um jeito de conseguir dinheiro para deixar o país, afirma Calado (1997). Maciel (1996) completa que essa apresentação foi lançada em disco em 1972, chamado “Barra 69”.

O cotidiano dos baianos era muito diferente do ano anterior, quando a Tropicália explodia (CALADO, 1997). Tinham ciclos restritos de amigos e familiares, além das radicais mudanças físicas, como os cabelos curtos que, segundo Calado (1997), era consequência da cabeça raspada quando estavam no quartel. Maciel (1996) diz que o exílio foi um momento doloroso e complicado, mas rico no fim das contas. “Gil partiu para a aventura interna, e Caetano, embora deprimido, amadureceu” (p.217).

2.3. Documentário Participativo

Segundo Lucena (2012), documentar com uma câmera é o primeiro ato cinematográfico, presente nos registros iniciais dessa arte, feitos pelos irmãos Lumière, e nasceu com a aplicação dos princípios da câmera fotográfica a imagens em movimento. O autor acrescenta que essa produção audiovisual é vista como um ato cinematográfico que registra o que acontece no mundo real (ou mundo histórico), com a intenção apenas de informar.

Para se fazer, inicialmente, um documentário, Guzmàn (2017), aponta que requer a utilização de uma pauta, anotações, e trata-se de um exercício tão aberto quanto experimental. Ademais, dada toda classe de mudanças da pauta, durante a filmagem pode haver achados espontâneos e fatos surpresa. Mas, ao mesmo tempo, se não houver um roteiro para seguir, há risco de dispersão, por isso, o diretor precisa encontrar o ponto de equilíbrio, diz o autor.

De acordo com Nichols (2010) cada documentário tem sua voz distinta e existem seis modos de representação do gênero documentário, são eles: poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático. O único que envolve a participação ativa do cineasta é, como o próprio nome sugere, o modo participativo. Este vê o mundo através dos olhos do cineasta inserido em tal contexto e, ainda segundo o autor, o documentário se torna seu testemunho. “O documentário participativo dá-nos uma ideia do que é, para o cineasta, estar numa situação e como aquela situação conseqüentemente se altera” (p.153).

Nichols (2010) ainda diz que esse modo de fazer documentário permite ao cineasta se tornar um ator social quase como qualquer outro, colocando-o “em cena”. De acordo com ele, a única diferença está na câmera que ele tem em mãos, já que isso dá, de um certo modo, poder e controle sobre os acontecimentos. “Supomos que o que aprendemos vai depender da natureza e da qualidade do encontro entre cineasta e tema (...). Surgem as possibilidades de servir de mentor, crítico, interrogador, colaborador ou provocador” (p.155).

Ademais, o autor explica que, sobre as entrevistas no documentário participativo, o cineasta decide juntar diferentes relatos para contar uma mesma história e não segue uma forma tradicional. Elas são feitas de forma espontânea ou

estimulada, mas que são ocasionados pela relação que o cineasta constrói com os personagens ao adentrar em sua realidade.

A partir das explicações do que é e como se faz um documentário participativo, é que foi escolhido esse modo para a realização da peça que acompanha este relatório. Desta maneira, pude incluir minha trajetória e participação no tema – mostrando a minha busca por respostas –, e evidenciar como o Tropicalismo fez e faz parte da minha vida, de certa forma, tornando-se, portanto, um testemunho meu.

Considerando as características do documentário participativo, estive inteiramente presente no meu projeto, fazendo parte como qualquer outro entrevistado, mas claro, com o controle de decisão sobre como e o que abordar.

2.4 Jornalismo Cultural e seu Empobrecimento

Faro (2006) define jornalismo cultural como um território de práticas jornalísticas que reiteram os signos, valores e procedimentos da cultura de massa, aquela que atinge todo mundo, ao mesmo tempo que utiliza-se também da cultura que vai contra isso, a contra-hegemônica.

Entretanto, esse estilo jornalístico mudou com o tempo. Para Piza (2003), o jornalismo cultural não é o mesmo e a perda de seu espaço tem como causa e efeito, uma perda de influência e esse empobrecimento vem também da banalização de seu alcance. O autor ainda diz que, mesmo assim, as seções culturais de grandes jornais continuam entre as páginas mais lidas. Por isso, falar sobre a Tropicália, que aconteceu em um momento marcante para o Brasil, é tão importante quanto interpretar assuntos de economia, por exemplo.

Mas, para Lindoso (2007), há uma solução para esse jornalismo cultural que se faz atualmente na imprensa brasileira. Ele acredita que, como todo mundo usa muita informação vinda da internet, as matérias quase sempre são iguais e há uma falta de imaginação. Como solução, sempre é possível olhar para a realidade, que é o que deve balizar a pauta, e dela fazer uma leitura criativa. A intenção desse projeto envolve justamente isso. Como a Tropicália é um assunto da cultura brasileira, a

intenção foi trazer uma nova maneira de enxergar o tema, de forma mais criativa, não apenas com as falas dos entrevistados, algo que é alvo de crítica para Lindoso (2007).

Piza (2003) afirma que a tendência do jornalismo brasileiro recente é de querer aparentar o jornalismo cultural aos outros – político, econômico, etc., o que significa atuar apenas como informativo e não tão interpretativo e opinativo, como era e deveria ser. Essa tendência faz parte da mesma tentativa de manter secundárias as seções culturais, como se o que importasse estivesse apenas na política e economia, por exemplo, aponta o autor.

Mesmo com empobrecimento, “o jornalismo cultural só deveria desaparecer, e ter menos espaço nos jornais e meios de comunicação, quando todos estivessem em um nível cultural minimamente satisfatório” (LINDOSO, 2007, web). Ou seja, o jornalismo cultural precisaria ocupar espaço e ter importância como os outros, devido à falta de conhecimento da população.

A partir dessa reflexão, a intenção deste trabalho foi mostrar a importância do jornalismo cultural e, principalmente, a importância do Tropicalismo para a cultura brasileira, trazendo, assim, a maneira como eu enxerguei e fui atrás de respostas.

3. DESENVOLVIMENTO DA PEÇA

O presente trabalho é um documentário que visa mostrar a revolução comportamental trazida pelo Tropicalismo durante a ditadura militar, por meio de entrevistas com quem estudou ou viveu o período, além de imagens que retratam as atitudes da época.

A escolha do meu tema veio a partir da influência da minha família, principalmente dos meus pais, sobre a MPB. Cresci ouvindo música brasileira, principalmente Caetano Veloso. Porém, no quinto semestre de Jornalismo da faculdade, tive a matéria “Jornalismo Cultural”, na qual estudei o movimento Tropicalista e precisei fazer uma resenha sobre o filme “Uma Noite em 67”. A partir daí comecei a me interessar ainda mais pelo assunto.

3.1 Estilo e Linguagem

O formato escolhido para a realização do trabalho foi um documentário participativo, portanto, com a minha visão e trajetória em busca das respostas e pesquisas sobre o tema. O objetivo foi mostrar, também, o meu interesse e um pouco da minha história com o Tropicalismo. Por isso, a primeira pessoa que decidi incluir foi meu pai, Cássio, que tem a marca registrada nessa história.

Esse formato me permitiu relatar o passo a passo para me aprofundar no tema, além de ter mais liberdade para aproveitar a estética do movimento Tropicalista e trazer para o meu documentário. Apaixonado pelos artistas, por música e por arte, meu pai me ajudou nessa missão e fez os desenhos e caricaturas da peça. Já a música foi tocada e cantada pela minha tia, Adriana Silveira, que é professora de Literatura da escola americana Graded e sempre esteve envolvida com música.

Utilizando as ferramentas audiovisuais e a abrangência da modalidade documentário, que foram mencionadas no referencial teórico, foi possível desenvolver a peça, dar espaço para quem realmente entende do assunto, além de ilustrar o projeto com a arte do Tropicalismo. Assim, meu documentário uniu as minhas próprias descobertas, uma explicação direta sobre o tema (com os entrevistados) e uma arte visual e musical que faz parte do movimento Tropicalista.

O planejamento da peça teve, inicialmente, como base e inspiração o filme “Uma Noite em 67”, de Renato Terra e Ricardo Calil, além do “Especial Tropicália 50 anos”, da TV Brasil. Além desses, usei como base o TCC de Enrico Bertagnoli, “No Compasso do Agora”, um documentário participativo sobre a MPB. Quem me ajudou muito na parte criativa, gráfica, escolha de fontes e movimentos foi o meu pai, que está inteiramente ligado ao tema.

3.2. Entrevistas e Gravações

Desde o início do meu trabalho, tentei contatar fontes que já tivessem trabalhado efetivamente com algo relacionado ao Tropicalismo, como escritores e músicos. Porém, como o documentário foi, também, sobre a minha busca para entender e aprender mais sobre o tema, me dei a liberdade de colocar pontos mais

peçoais, portanto entrevistei familiares que estão ligados à arte e têm conhecimento sobre o assunto.

Algumas entrevistas, feitas em maio/2021, aconteceram de modo virtual, devido à pandemia do coronavírus e suas complicações, mas outras foram feitas presencialmente, após as fontes serem vacinadas, portanto, entre junho e agosto/2021. Para isso, utilizei os equipamentos fornecidos pelo Mackenzie, além da câmera do meu próprio celular e computador. Para as entrevistas virtuais, deixei meu celular gravar os bastidores, além de utilizar, claro, a gravação feita pelo computador.

Já para as entrevistas presenciais, além da câmera do celular de forma secundária, utilizei a câmera, o tripé e o microfone lapela. Vale ressaltar que meu pai me acompanhou durante as minhas gravações.

Para entrevistar Adriana Silveira, ela veio até minha casa onde pudemos gravar a conversa, além das músicas da época tocadas no violão, na parte externa do meu condomínio. Já para a entrevista com Cid Campos, fui até o seu estúdio de música, onde gravei algumas imagens de fundo, as artes e trabalhos, além da conversa, feita na parte externa. A entrevista com o Cássio foi feita na minha própria casa e, por ser meu pai, tive maior liberdade e tempo para que saísse da forma desejada.

Como se trata de um documentário participativo, as imagens gravadas, além das entrevistas, se basearam muito na minha pesquisa e busca. Portanto, registrei minhas conversas, os bastidores também de entrevistas e o meu trajeto e preparação durante todo o documentário. Também gravei imagens dos discos da época, com a explicação de cada um deles dada pelo Cássio Manga, além do estúdio e trabalhos de Cid Campos.

O Documentário conta com cinco entrevistas:

- **Adriana Silveira** – minha tia, professora de literatura da escola americana Graded;
- **Cássio Manga** – meu pai, caricaturista, chargista, diretor de arte, compositor e músico;
- **Cid Campos** – músico, compositor e filho do escritor e poeta Augusto de Campos;

- **Felipe Caetano** – pesquisador e criador das contas e site “Tropicália Viva”;
- **Getúlio Mac Cordy** – radialista e pesquisador da MPB; autor do livro “Tropicália: um Caldeirão Cultural”.

3.3. Montagem e Edição da Peça

Logo após as entrevistas, decupei cada uma delas, separando as melhores partes que me interessavam para a montagem da minha peça, seguindo o roteiro e os temas pré-separados. Portanto, coloquei em ordem cada uma das entrevistas decupadas, para que, juntas, montassem a ideia central do tema no documentário, explicado pelos entrevistados.

Após a decupagem, enviei para o editor Vinícius Silva, que cortou cada uma delas no Premiere e as juntou em um primeiro documento. Em seguida, com essa primeira parte já pronta, fui adicionando as imagens de fundo, os bastidores, meus off's e as músicas. Entretanto, como não editei diretamente o meu documentário, tive dificuldade de fazer o processo sem ver como ele estava ficando.

Após inserir algumas imagens de fundo, as músicas, desenhos e caricaturas, mandei novamente para o editor, que incluiu em cima das entrevistas. Fiz esse processo três vezes para que ficasse o mais próximo possível do que imaginava e, em seguida, encontrei o Vinícius pessoalmente para finalizarmos o documentário para a primeira entrega. Nesse momento, ajustamos as transições das imagens, além de inserir mais algumas, arrumamos o volume das músicas e incluímos o design do projeto, como o nome do documentário e dos entrevistados.

Após a primeira entrega, ajustei mais alguns detalhes, incluí mais imagens de bastidores e deixei o projeto pronto para a avaliação. A minha intenção desde o início foi criar um produto audiovisual que mostrasse a ideia do que foi a Tropicália, sua revolução comportamental na ditadura, como ela foi reprimida, como chegou ao fim e tudo o que ela deixou em nossa cultura. Como comentado, o objetivo era esclarecer tudo isso por meio da minha visão, de como eu cheguei nas respostas e com quem eu conversei para entender o tema.

Além das gravações das entrevistas, também gravei, com a câmera fornecida pelo Mackenzie e também com o meu celular, os bastidores de cada uma das conversas. Para as entrevistas com o Felipe Caetano e com o Getúlio Mac Cord, que foram feitas por chamada de vídeo, deixei meu celular de lado, gravando um pouco da conversa. Já as entrevistas com o Cássio Manga, Adriana Silveira e Cid Campos, que foram presenciais, aproveitei para diversificar um pouco nas imagens e registrei, também, outros ângulos e os materiais fornecidos por eles, como é o caso dos discos da época, do Cássio Manga, e os CD's e instrumentos do Cid Campos.

Iniciei meu documentário com uma música cantada pela entrevistada Adriana Silveira ("Baby", de Caetano Veloso) ao fundo e imagens que ilustrassem a minha trajetória para a execução da peça, com um off gravado por mim. Em seguida, incluí as entrevistas e os desenhos que ilustrassem o tema, ou o artista em questão.

Durante a montagem do documentário, decidi incluir as outras canções cantadas e tocadas por Adriana Silveira, então aproveitei essas cenas para dar um descanso no conteúdo e não ser um documentário corrido e cansativo. Também achei interessante colocar o poema de Augusto de Campos, musicado pelo filho Cid Campos, por mais que não tenha sido da época da Tropicália, porque os dois foram assunto e têm extrema importância no meu projeto.

Portanto, mesclei entrevistas, imagens de fundo, músicas, desenhos e caricaturas, além de documentos da época da ditadura (como a prisão dos artistas), fornecidos pelo Felipe Caetano. Para a trilha sonora dos créditos, pedi para a Adriana Silveira gravar um áudio cantando a música "Enquanto Seu Lobo Não Vem", pois acredito que a ideia da letra, escrita por Caetano Veloso, faça sentido com o fim do meu documentário, que retrata justamente o fim do Tropicalismo, causado pela ditadura.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após concluir a produção deste trabalho, creio que pude responder à pergunta-problema mencionada na introdução do relatório: os elementos estéticos e informativos de um documentário conseguem demonstrar o início do movimento Tropicalista e sua inovação comportamental durante a ditadura militar brasileira?

Este trabalho começou a partir da influência musical vinda da minha família, além do meu interesse e vontade de entender o que foi e como aconteceu a Ditadura Militar. Como a música, principalmente a MPB, sempre esteve presente na minha vida, decidi estudar um dos maiores movimentos artísticos brasileiros. Aprendi, também, como os artistas enfrentaram, ou não, a Ditadura Militar, um assunto que sempre me cativou. Somando a isso, aprendi e me apaixonei ainda mais pelo movimento no quinto semestre da faculdade, durante as aulas de Jornalismo Cultural.

Assim, esse trabalho representa muito dos meus gostos, interesses e curiosidades. Como ele também traz os trabalhos do artista Cássio Manga e a voz da professora de literatura Adriana Silveira nas músicas, pude retratar a Tropicália a partir de um olhar único: o meu olhar e como eu cheguei nas respostas que obtive. Por isso, fazer o projeto me permitiu estar ainda mais próxima desses assuntos e conhecer pessoas, músicas e diferentes artes dentro de um mesmo tema.

Como é um documentário participativo, espero que esse trabalho consiga retratar a minha visão e busca sobre como foi o nascimento e o fim da Tropicália na época da ditadura. Além disso, espero mostrar a importância da Tropicália para a cultura brasileira, que ultrapassou gerações e deixou sua marca registrada também para jovens como eu, de 20 e poucos anos. Minha intenção é passar para outros a grandeza desse movimento e dessa época para a nossa história, assim como eu descobri.

5. REFERENCIAIS

5.1 Bibliográfico

CALADO, Carlos. **Tropicália**: a história de uma revolução musical. São Paulo: Editora 34, 1997. 336 p.

CAMPOS, Augusto de. **Balço da bossa e outras bossas**. 3. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978. 358 p.

COELHO, Ana de Oliveira e Carlos Rennó Frederico. **Tropicália identifi**significados****: movimento. Movimento. 2007. Um projeto de Ana de Oliveira. Disponível em:
<http://tropicalia.com.br/identifisignificados/movimento>.
 Acesso em: 04 set. 2020.

FARO, J. S. Jornalismo Cultural: **Nem tudo que reluz é ouro: contribuição para uma reflexão teórica sobre o jornalismo cultural**. Comunicação e Sociedade. São Bernardo do Campo, Metodista, Ano 28, nº 46, 2006. Disponível em:
<file:///home/chronos/u-677ba381d1b76f2bdaa1c19df196a3306c1eb2e6/MyFiles/Downloads/3871-11229-1-PB.pdf>.
 Acesso em: 8 out. 2020

FAVARETTO, Celso. **Tropicália**: alegoria, alegria. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000. 158 p. Disponível em:
<https://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Favareto-Tropicalia-alegoria-alegria.pdf>.
 Acesso em: 24 set. 2020.

FISCHER, Catarina Justus; FABRÍCIO, Ovanil; CARVALHO, Vera A. Assumpção Tavares de. **O movimento tropicalista e a revolução estética**. 2003. 25 f. Monografia (Especialização) - Curso de Educação, Arte e História da Cultura, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2003. Disponível em:
https://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Contier-Movimento_tropicalista_e_a_revolucao_estetica.pdf.
 Acesso em: 29 set. 2020.

GUZMÁN, Patricio. **Filmar o que não se vê**: um modo de fazer documentários. São Paulo: Edições Sesc Sp, 2017. 374 p. Disponível em:
https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=f3s5DwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT12&dq=como+fazer+document%C3%A1rio&ots=Rwazl1FuV4&sig=v7_5yUWBMqfovCSXxRd6I0YSI18#v=onepage&q=como%20fazer%20document%C3%A1rio&f=false.
 Acesso em: 29 set. 2020.

LINDOSO, Felipe *et al* (org.). **Rumos do Jornalismo Cultural**. São Paulo: Summus Editorial, 2007. 232 p.

Disponível em:

https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=aA33DuTZmT4C&oi=fnd&pg=PP196&dq=Rumos+do+Jornalismo+Cultural,+de+Felipe+Lindoso&ots=mo3TfVR1_A&sig=IKnr5ZWIkRwUVmz382ISsTE8O4#v=onepage&q=Rumos%20do%20Jornalismo%20Cultural%2C%20de%20Felipe%20Lindoso&f=false.

Acesso em: 8 out. 2020.

LUCENA, Luiz Carlos. **Como fazer documentários**: Conceito, linguagem e prática de produção. São Paulo: Summus Editorial, 2012. 128 p.

Disponível em:

<https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/42209/epub/0?code=+8VQIVaM0eO9pl/fZYt3Pof4br2fhVW0LbyELi/x9XStpYFRwS73WwUroJ42Ft4RNG4V0ua2o3rU3fpzvF4vtA==>.

Acesso em: 25 set. 2020.

MACIEL, Luiz Carlos; CHAVES, Angela. **Geração em Transe**: memórias do tempo do tropicalismo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996. 276 p.

MARTINI, Paula. **Tropicália - 50 anos de revoluções**: em 1968, a tropicália foi batizada e seus fundadores gravaram o disco-manifesto do movimento. Em 1968, a Tropicália foi batizada e seus fundadores gravaram o disco-manifesto do movimento. 2017.

Disponível em:

<https://m.cbn.globoradio.globo.com/especiais/tropicalia-50-anos-de-revolucoes/2017/10/24/EM-1968-A-TROPICALIA-FOI-BATIZADA-E-SEUS-FUNDADORES-GRAVARAM-O-DISCO-MANIFESTO-DO-MOVIME.htm>.

Acesso em: 04 set. 2020

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 5. ed: Papyrus Editora, 2005. 270 p.

Disponível em:

<https://cadernoselivros.files.wordpress.com/2016/08/nichols-b-introduc3a7c3a3o-ao-documentc3a1rio.pdf>.

Acesso em: 18 set. 2020.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. São Paulo: Editora Contexto, 2013. 131 p.

Disponível em:

https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=9NdnAwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT6&dq=Jornalismo+Cultural,+de+Daniel+Piza&ots=5oCT92Dlkz&sig=w1K248fMqM_9ybuOo3zdVyyvj7A#v=onepage&q=Jornalismo%20Cultural%2C%20de%20Daniel%20Piza&f=false.

Acesso em: 8 out. 2020.

TROPICALISMO. 2018.

Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/tropicalismo/>.

Acesso em: 04 set. 2020.

TROPICALISMO. 2020

Disponível em:

<https://mundoeducacao.uol.com.br/historiadobrasil/tropicalismo.htm/>. Acesso em: 04 set. 2020.

9 ataques de Bolsonaro a jornalistas — e quais os temas que levaram presidente a perder a linha. **Bbc News Brasil**, São Paulo, 24 ago. 2020. Disponível em:

<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52553647#orb-banner>.

Acesso em: 11 set. 2020.

5.2. Audiovisuais

NO COMPASSO de Agora. Direção de Enrico Bertagnoli. São Paulo, 2020. P&B.

Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=7m0Osr4ABHg>.

Acesso em: 17 nov. 2021.

TROPICÁLIA 50 anos. Direção de Pedro Schprejer. Produção de Luciana Alcaraz.

Roteiro: Paulo Fernandes e Pedro Sprejer. Rio de Janeiro: Tv Brasil, 2017. (26 min.), son., color.

Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=vDGxz7RbkEk&t=9s>.

Acesso em: 9 jun. 2021.

UMA NOITE em 67. Direção de Renato Terra, Ricardo Calil. Intérpretes: Chico

Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Roberto Carlos, Edu Lobo, Sérgio Ricardo.

Rio de Janeiro: Videofilmes, 2010. (93 min.), son., color.

Disponível em:


<https://www.vivoplay.com.br/details/movie/uma-noite-em-67-3255925>.

Acesso em: 9 jun. 2021.

6. APÊNDICES

Apêndice I

Autorização de uso de imagem e voz de Adriana Silveira

AUTORIZAÇÃO PARA CESSÃO DE DIREITOS USO DE IMAGEM E ÁUDIO (FONTE)
<p>Eu, ADRIANA SILVEIRA, portador do RG Nº 242356217 e CPF Nº 17388331867, autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem e voz (e de outros materiais, tais como fotografias, vídeos e áudios, de minha autoria e/ou dos quais eu tenho direito como proprietário) bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, para o Instituto Presbiteriano Mackenzie e para a Universidade Presbiteriana Mackenzie, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização – sem fins lucrativos – em arquivos físicos e online, seja para consultas acadêmicas ou reproduções; em programas da TV <u>Mackenzie</u>; em programas de outras emissoras; e em demais veículos de comunicação, sejam eles eletrônicos ou impressos, desde que respeitem a finalidade educacional do trabalho acadêmico para o qual assino esta autorização.</p> <p>Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente, juntamente com duas testemunhas.</p> <p>São Paulo, 20 de outubro de 2021 .</p> <p></p> <hr/> <p>Cedente</p>

Apêndice II

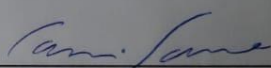
Autorização de uso de imagem e voz de Cássio Manga

**AUTORIZAÇÃO PARA CESSÃO DE DIREITOS
USO DE IMAGEM E ÁUDIO (FONTE)**

Eu, CÁSSIO SCHIAVONE SCALONE (MANGA), portador do
RG Nº 6.602.821-2 e CPF Nº 072.137.248-19,
autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem e voz (e de outros materiais, tais como
fotografias, vídeos e áudios, de minha autoria e/ou dos quais eu tenho direito como proprietário) bem como
cedo os seus efeitos patrimoniais, para o **Instituto Presbiteriano Mackenzie** e para a **Universidade
Presbiteriana Mackenzie**, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização – **sem fins
lucrativos** – em arquivos físicos e online, seja para consultas acadêmicas ou reproduções; em programas
da TV Mackenzie, em programas de outras emissoras; e em demais veículos de comunicação, sejam eles
eletrônicos ou impressos, desde que respeitem a **finalidade educacional do trabalho acadêmico** para o
qual assino esta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente,
juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, 9 de AGOSTO de 2021.



Cedente

Pai ou responsável (se for o caso)

Testemunhas:

Apêndice III

Autorização de uso de imagem e voz de Cid Campos

**AUTORIZAÇÃO PARA CESSÃO DE DIREITOS
USO DE IMAGEM E ÁUDIO (FONTE)**

Eu, Cid Campos portador do
RG Nº 5.883.542-8 e CPF Nº 046.052.728-71
autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem e voz (e de outros materiais, tais como fotografias, vídeos e áudios, de minha autoria e/ou dos quais eu tenho direito como proprietário) bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, para o **Instituto Presbiteriano Mackenzie** e para a **Universidade Presbiteriana Mackenzie**, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização – **sem fins lucrativos** – em arquivos físicos e online, seja para consultas acadêmicas ou reproduções; em programas da TV Mackenzie; em programas de outras emissoras; e em demais veículos de comunicação, sejam eles eletrônicos ou impressos, desde que respeitem a **finalidade educacional do trabalho acadêmico** para o qual assino esta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente, juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, 10 de agosto de 2021


Cid Campos
Cedente

Pai ou responsável (se for o caso)

Testemunhas:

Apêndice IV

Autorização de uso de imagem e voz de Felipe Caetano

AUTORIZAÇÃO PARA CESSÃO DE DIREITOS USO DE IMAGEM E ÁUDIO (FONTE)
<p>Eu, FELIPE CAETANO DE CARVALHO portador do RG Nº 2004010293675 e CPF Nº 022.50.033-75, autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem e voz (e de outros materiais, tais como fotografias, vídeos e áudios, de minha autoria e/ou dos quais eu tenho direito como proprietário) bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, para o Instituto Presbiteriano Mackenzie e para a Universidade Presbiteriana Mackenzie, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização – sem fins lucrativos – em arquivos físicos e online, seja para consultas acadêmicas ou reproduções; em programas da TV Mackenzie; em programas de outras emissoras; e em demais veículos de comunicação, sejam eles eletrônicos ou impressos, desde que respeitem a finalidade educacional do trabalho acadêmico para o qual assino esta autorização.</p> <p>Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente, juntamente com duas testemunhas.</p> <p>Salvador, 26 de outubro de 2021.</p> <p> Cedente</p>

Apêndice V

Autorização de uso de imagem e voz de Getulio Mac Cord

**AUTORIZAÇÃO PARA CESSÃO DE DIREITOS
USO DE IMAGEM E ÁUDIO (FONTE)**

Eu, ___Getulio Mac Cord de Faria_____, portador do RG N° ___04496216-5_____ e CPF N° ___739332797-04_____, autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem e voz (e de outros materiais, tais como fotografias, vídeos e áudios, de minha autoria e/ou dos quais eu tenho direito como proprietário) bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, para o **Instituto Presbiteriano Mackenzie** e para a **Universidade Presbiteriana Mackenzie**, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização – **sem fins lucrativos** – em arquivos físicos e online, seja para consultas acadêmicas ou reproduções; em programas da TV Mackenzie; em programas de outras emissoras; e em demais veículos de comunicação, sejam eles eletrônicos ou impressos, desde que respeitem a **finalidade educacional** do **trabalho acadêmico** para o qual assino esta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente, juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, _17__ de _novembro_ de _2021_.

GETULIO MAC CORD DE FARIA

Cedente

Pai ou responsável (se for o caso)

Testemunhas:
